

## DA ESCOLA PARA A UNIVERSIDADE: REFLEXÃO DO RITO DE PASSAGEM ATRAVÉS DE RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriane Caires da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ambiente educacional, tal como a escola, possui papel fundamental na experiência e formação humana do aluno e este não se extingue com a entrada do mesmo no Ensino Superior – a diferença está no fato de, também, formar profissionais que entrarão para o mercado de trabalho. Contudo, as discussões acerca de conteúdos sociopolíticos não recebem o espaço necessário, não havendo uma articulação entre as vivências dos estudantes e os compromissos programáticos debatidos; o que, de acordo com a teoria de Paulo Freire (1996; 2005) fomenta a educação enquanto ferramenta de manutenção opressora. Utilizando-se do conhecimento empírico obtido através da experiência da autora enquanto estudante de graduação de uma universidade pública, articulou-se hipóteses e questionamentos que desdobraram-se neste relato de experiência e em pesquisa, acerca da docência no ensino superior, que atualmente está em curso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB).

**Palavras-chave:** Educação Superior. Relato de Experiência. Juventude. Identidade. Relação professor-aluno.

### Introdução

As primeiras regulamentações acerca do Ensino Superior foram feitas na Constituição de 1988, a qual sinalizava poucas informações, e em 1996, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que a consolidou no mesmo patamar da Educação Básica. Severino (2008) assinala que o compromisso das Universidades é formado pelo tripé conhecimento, pesquisa e extensão; além de ser a mediadora entre a democracia e cidadania. A Educação, como um direito assegurado desde o fim da ditadura militar, teve sua importância debatida com o passar do tempo, mas sempre sendo diretamente influenciada por aspectos sociais, econômicos e políticos de cada época.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), campus Vitória da Conquista. Ituaçu – BA. Brasil. E-mail: adriane95@hotmail.com.



Severino ainda afirma que a educação no Brasil, em decorrência do processo passado através dos anos, é influenciada pela Teoria do Capital Humano, que tem como objetivo principal instrumentalizar profissionais a fim de, principalmente, serem responsáveis pela realização de trabalhos simples. Entretanto, o autor nos apresenta outra vertente que contrapõe-se à citada anteriormente: a Teoria da Emancipação Humana. Diferente da primeira que possui viés capitalista e neoliberal, esta teoria busca enxergar a educação como um meio de humanizar um indivíduo ao fazê-lo obter o trabalho não como apenas um mecanismo de produção, mas sim algo essencial para o existir enquanto indivíduo que possui uma história.

Por conta da visão da universidade enquanto porta de entrada para a carreira profissional, o ingresso em IES (Instituições de Ensino Superior) muitas vezes coincide com o início da vida adulta para os estudantes. Recém saídos do espaço escolar e ainda em processo de construção da própria identidade, viver em uma nova realidade educacional faz com que seja necessária uma reflexão acerca de qual o papel da universidade perante este jovem, visto que o ambiente educacional também faz parte do desenvolvimento crítico do estudante.

Guerreiro-Casa Nova e Polydoro (2010), afirmam que o propósito das IES é “[...] promover o desenvolvimento multidimensional, conduzindo os estudantes à autonomia, estimulando-os a serem capazes de adaptar-se às constantes mudanças da vida profissional e pessoal, possibilitando a igualdade social” (p. 94-95). Ou seja, é imprescindível constituir espaços que caminhem pelos eixos políticos, sociais e educacionais, dado que os docentes, enquanto figuras de referência, podem estabelecer debates que provoquem reflexão sobre os temas propostos – tanto no âmbito trabalhista quanto na formação humana.

Contudo, esse cenário só pode ocorrer se houver uma perspectiva humanizadora da educação. A teoria e discussão proposta por Paulo Freire (2005; 1996), apresenta o professor e estudante enquanto indivíduos que estão numa escala horizontal e simultânea de aprendizagem: aprendem na medida em que ensinam e vice-versa. Valorizar as experiências do aluno torna possível a discussão tanto dos conteúdos programáticos quanto das situações cotidianas, colocando o aluno como um agente ativo na atividade de aprender. A experiência que dá corpo a este relato é a da autora: os pensamentos e indagações jovem recém saída do ensino médio de uma escola pública que ingressa num novo espaço, a Universidade pública – cursando bacharelado em Psicologia em período integral. A partir das vivências do percurso acadêmico

foi-se criando o desejo de compreender como a relação professor-aluno impacta na formação do estudante.

## **Metodologia**

A experiência que dá corpo ao relato ocorreu em dez semestres, entre os anos de 2014 e 2019, período necessário para concluir a graduação em Psicologia, na modalidade bacharelado, em uma universidade pública. Por conta disso, a metodologia utilizada é a teórico-empírico, visto que as indagações discutidas surgiram através das vivências da autora enquanto estudante.

O corpo docente era formado por profissionais da Psicologia, exceto por docentes de outras áreas de conhecimento que ministravam disciplinas específicas. Nos primeiros semestres, as dinâmicas das aulas permeavam a explanação de conteúdo e aplicação de alguma atividade avaliativa, normalmente intercaladas entre apresentação de trabalhos e provas. Com o aprofundamento na ciência, as atividades começaram a ser desenvolvidas de forma majoritariamente práticas, sendo necessário a confecção de relatório ao final das disciplinas.

A vivência dentro da universidade também ocorreu de forma política. Participando de reuniões orquestradas por movimentos sociais – Centro Acadêmico (CA), Diretório Central dos Estudantes (DCE), mobilização estudantil nas escolas e IES – foi-se percebendo como aquele era um espaço importante de formação; não apenas profissional, mas principalmente humano. Dessa forma, as experiências vivenciadas pelos estudantes precisam ser validadas também no campo acadêmico – e o professor, reconhecendo tal vivência enquanto importante, aproximasse do aluno e compreendendo-o. Assim, por conta das indagações construídas durante a graduação, foi possível constituir este relato.

## **Discussão**

A Educação sempre gera discussões, pois é um tema de interesse de todos os cidadãos. Por isso, em decorrência da abrangência do debate, possui importantes variáveis que devem ser consideradas: enquanto política pública, contexto social dos alunos, relação entre família e



escola, nível de escolaridade, perfil dos alunos e professores e também a relação existente entre as partes. Com o ensino superior também é necessário um olhar sensível para suas particularidades, visto que também atua como elemento constitutivo da formação humana para seus estudantes – aqui em específico os jovens.

De acordo com Souza e Paiva (2012), no conceito de juventude é preciso considerar elementos psicológicos, sociais e biológicos – diferente da adolescência que possui como base a estimativa de idade. Aliada a isso, há outro aspecto que configura-se enquanto a “[...] ideia da juventude como um período de moratória social, em que sua condição consiste apenas em uma etapa de preparação para uma vida futura, repleta de inserções nas mais diversas dimensões da vida em sociedade (NOVAES, 2007b e DAYRELL, 2007 apud SOUZA; PAIVA, 2012, p. 355).

A construção da identidade juvenil passa, também, pelos aspectos citados acima. E a universidade, lugar que concentra diversos discursos e narrativas, constitui-se como um ambiente que proporciona elementos identitários. Carvalho (2012), afirma que as identidades podem ser coletivas ou individuais: sendo a primeira produto da cultura a qual se está inserido, sem nenhum aspecto biológico; e a segunda, um processo contínuo de sentidos diferentes presentes na sociedade, resultado das relações nela existentes. O autor continua ao dizer que “para que o simbólico seja reconhecível pelo grupo, a escola se comportaria como uma instituição codificadora. Nela seriam elaborados ou introduzidos valores, idéias, conhecimentos e símbolos presentes na sociedade e indiretamente relacionados à construção das identidades.” (p. 215) – mesmo que seja abordado em específico a escola, é possível fazer a conexão com as IES: ambas trabalham com a educação, codificando os valores presentes na sociedade.

Paulo Freire em suas obras *Pedagogia do Oprimido* (2005) e *Pedagogia da Autonomia* (1996) era enfático ao afirmar que apenas através do conhecimento é possível libertar-se do sistema opressor – e o professor tem um papel fundamental nesse processo. Se não consegue conectar-se aos discentes, não apenas para transferir-lhes saberes que lhes são vazios, mas validar seus conhecimentos e através deles ensiná-los a pensar e questionar o mundo, o docente é apenas mais uma ferramenta do sistema contribuindo para que a educação continue sendo bancária, nunca libertadora.

Estar como estudante numa IES é, num primeiro momento, assustador, visto que a dinâmica pedagógica é diferente da mantida na educação básica. Em momentos era possível



observar o contraste entre o docente que possuía formação pedagógica em didática e aquele que demonstrava enxergar a graduação como apenas explanação das técnicas específicas, não como um espaço de questionamento e problematização, tanto das questões universais quanto características do curso em si. O discurso estendia-se a outros estudantes de variadas graduações, mostrando que a postura de discussão enquanto práxis não é um fenômeno isolado.

Por conta disso, analisar quais temas serão ou não discutidos na sala de aula é um aspecto importante da docência seja de qual grau de escolaridade for –, como afirma Silva (2001). Um docente precisa refletir acerca dos conteúdos passados para seus discentes, visto que impacta diretamente na visão de mundo que será passada. Uma educação que preza pelo entrelaçamento de conteúdos formais e vivências políticas e sociais, é, de fato, uma educação libertadora.

A partir das vivências que compõem este relato, surgiu a inquietação sobre o que poderia ser feito com todas as observações do período de cinco anos da graduação. Com está sendo desenvolvida uma pesquisa que atualmente integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em que se pretende estudar a docência no ensino superior e quais os discursos presentes nos docentes. Para além da reflexão pessoal da autora acerca do papel da Educação, o resultado da experiência também apresenta-se enquanto pesquisa.

### **Considerações finais**

Durante o percurso acadêmico da autora, foi possível observar, de maneira empírica, que as vivências dos estudantes também os constitui enquanto seres sociopolíticos. O ambiente educacional, no caso as IES, possuem papel fundamental na construção da identidade juvenil, visto que possibilitam o encontro de diversas pautas identitárias. A discussão do papel da IES, e conseqüentemente da figura do docente, torna-se importante ao questionar quais conhecimentos e vivências são validados e o papel do ensino superior enquanto percurso academicista que perpetua a educação como ferramenta opressora.

Tal tema demanda estudos aprofundados e, por conta da relevância do objeto de estudo, o desejo que nasceu durante a graduação transformou-se em atividade concreta e que busca,

para além de satisfazer o interesse desenvolvido, pretende formular conhecimento científico através da pesquisa.

## Referência

CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p.209-227, jan./jun, 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>>. Acesso em: 21 de junho de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUERREIRO, Daniela. Casanova.; POLYDORO, Soely. Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 85-96, ago. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v1n2/v1n2a08.pdf>>. Acesso em: 21 de junho de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 73-89, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a06>. Acesso em: 04 set. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Cândida; PAIVA, Ilana Lemos de. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, set./dez, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/ZBY9r5KFD5c7QnhzpZ6CVDk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 de Junho de 2021.